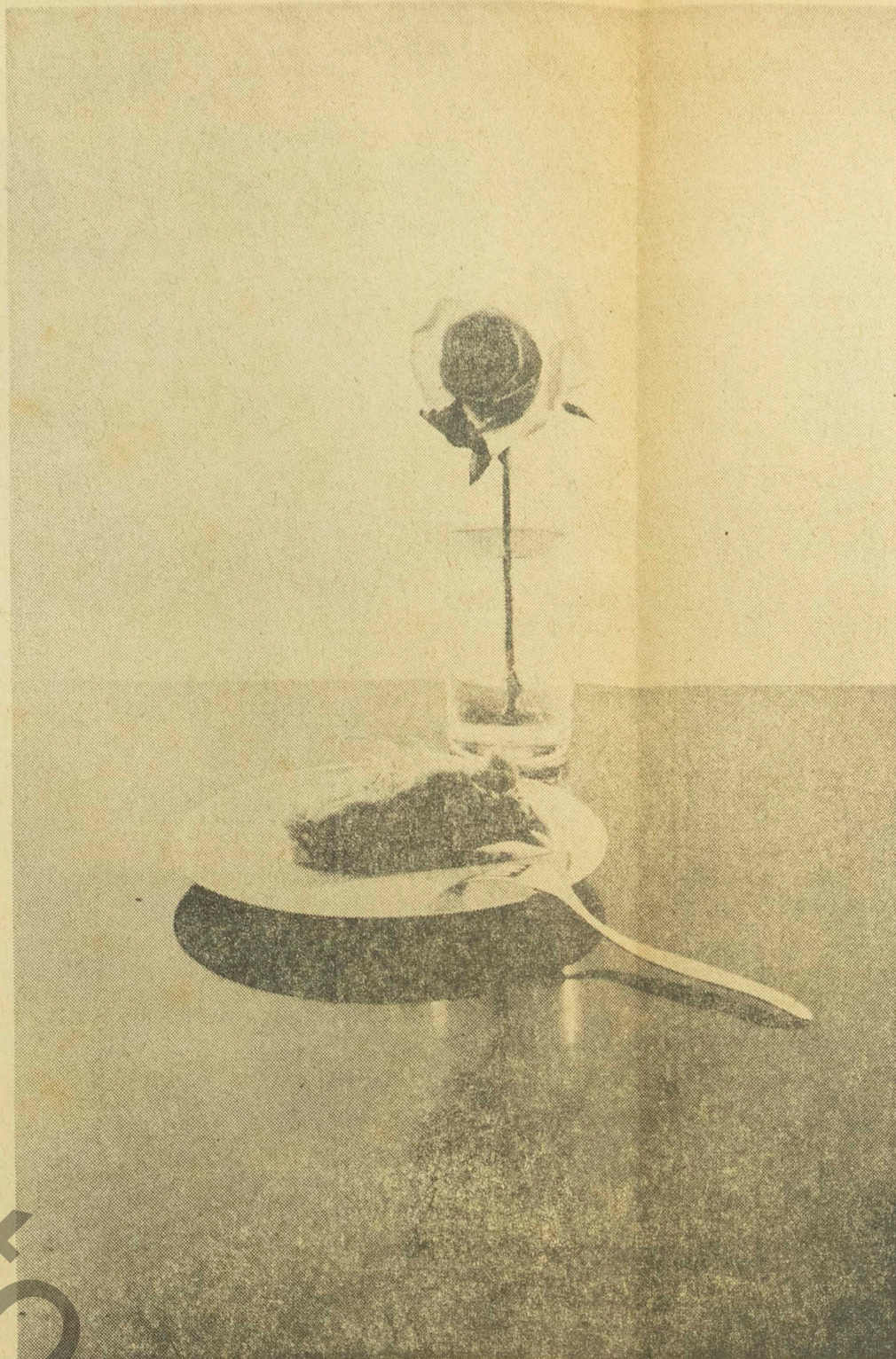


CADERNO

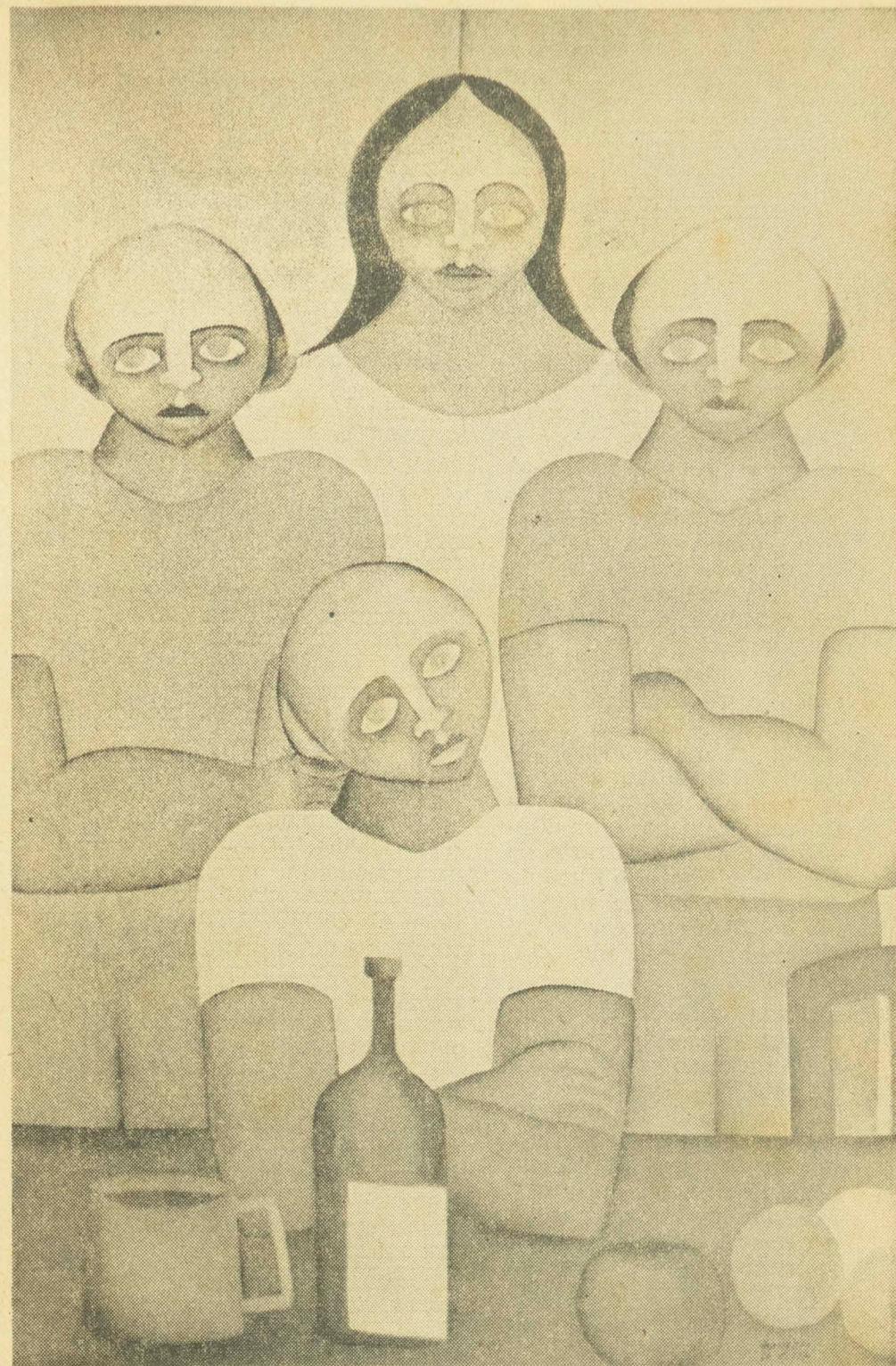
B

Hoje, no Museu de Arte Moderna, a inauguração do V Salão de Verão do JORNAL DO BRASIL, copatrocinado pela Light. Um prêmio de viagem ao exterior, com ajuda de custo, e mais uma verba destinada a prêmios de aquisição foram conferidos por um júri composto pelos críticos Marc Berkowitz e Walmir Ayala, o colecionador Gilberto Chateaubriand e os artistas Ana Bela Geiger e Osmar Dillon. Numa análise de tendências e rumos, o crítico Walmir Ayala analisa esta quinta edição do sempre polêmico Salão de Verão

SALÃO DE VERÃO



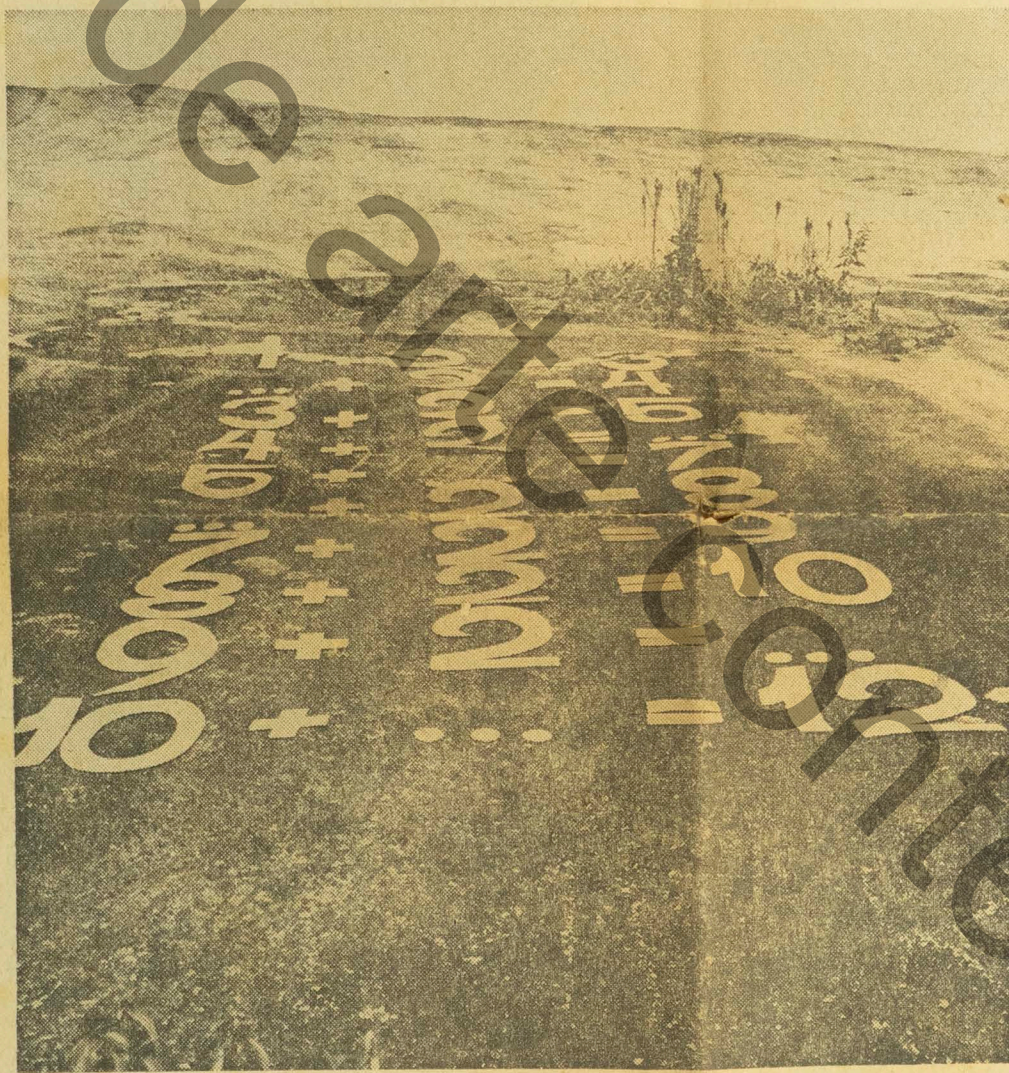
LUÍS CARLOS HOMEM (REFERÊNCIA ESPECIAL)



HUMBERTO COSTA



HÉLIO PELEGRINO



ALEXIA DUGAM (REFERÊNCIA ESPECIAL)



NÉLSON PEREIRA DOS SANTOS

UM TERMÔMETRO EM DIA

Dois críticos, dois artistas e um colecionador examinaram este salão de curiosa vivência e importante abertura para a análise dos problemas das artes plásticas com relação às mais novas gerações. Em primeiro lugar note-se o número de inscrições de artistas, chegando a 510, e significando um total de cerca de 1500 obras. Desta quantidade, grande é a percentagem de jovens, numa faixa etária que vai dos 16 aos 25 anos. Minorias de mais de 40 e alguns candidatos de 60 e até 70 anos completam este panorama. Apesar da quantidade de inscrições crescente, neste salão que só admite artistas não premiados, notou-se neste ano um enfraquecimento da qualidade, com relação aos anos anteriores. Esta debilidade talvez seja mais sintomática do que se pensa, ela denuncia a carência da orientação artística, por parte de professores qualificados. Assim brilharam, justificadamente, os alunos de Ivã Serpa, Bruno Tausz, Ana Bela Geiger, da Escola Nacional de Belas-Artes, dos Cursos do MAM, de Maria de Lourdes Novais e Vitor Décio Gerhard. Sempre que um jovem artista despertava entusiasmo verificava-se a filiação a uma destas escolas que, citadas, parecem ser tantas, mas que não são nada diante do mar de vocações desinformadas que campeiam por aí, e cujo sinal está nítido no corte de 75% feito pelo júri neste Salão de Verão.

Trezentos e cinquenta artistas foram cortados, e uma grande parte destes tem condições de crescer, e muito, se se aproximar com humildade dos professores certos. Todos eles, com mais ou menos habilidade, tateiam a forma de convencer o júri, exercitando arte abstrata, geométrica, surrealista, pop, etc. Mas como na fábula, são gato escondido com o rabo de fora. Por exemplo: não se admite que um artista que faz arte geométrica assinhe ingenuamente seu nome no cantinho da tela, sujando o espaço. É aí que ele se revela um primitivo disfarçado de van-



ROBERTO FEITOSA (PRÊMIO DE PINTURA)

WALMIR AYALA

guarda. Neste jogo os primitivos levam a melhor. Chegam com sua inocência, jogam toda a sinceridade sem qualquer consciência dos macetes da ordem do dia, e convencem porque são como são. É bem verdade que mesmo na linha do primitivismo aparecem alguns equivocados, ou seja, linguagens não tão sinceras que se canalizam nesta tendência por ser mais apta à máscara, já que se aproxima tanto do não saber fazer. Acontece que não é difícil identificar o incompetente, no horizonte candido dos artistas ingênuos.

OS SINTOMAS

Entre os sintomas detectáveis neste V Salão de Verão anotamos o crescimento da arte fotográfica e do desenho. A pintura continua em crise e a gravura foi quase zero nesta edição do Salão. Aliás, a crise do ensino da gravura, tão debatido no ano que passou, nesta coluna, ensina essa vazante. Raro foi o gravador participante do V Salão de Verão que sabia, pelo menos, assinar sua cópia no lugar certo e numerá-la. Todos também uns primitivos, no mau sentido, numa categoria que não admite improvisação ou blefe. Os ateliers de gravura estão fechados, os verdadeiros professores se enrustindo, e os jovens gravadores, sem campo de ação, sem material adequado, sem ensino técnico, ficam por aí descobrindo de novo um caminho que entre nós já atingiu verdadeiras culminâncias. Esta, quer nos parecer, não é a regra certa do processo, e a gravura morrerá definitivamente, se não for tomada uma providência da parte de quem compete.

O júri do V Salão de Verão, obedecendo às necessidades da circunstancialidade do exame das obras, optou por duas novidades, como critério: a inclusão de uma obra só, daquelas representações que, apesar de não significativas no todo, apresentaram alguma idéia, algum dado técnico, alguma curiosidade de pesquisa, capaz de ficar como

exemplo para futuras especulações do próprio artista ou de outros. Muitas vezes, na manipulação dos materiais e das técnicas, estes jovens artistas cheios de talento e vazios de instrumento, deixam passar sinais de uma sincera aproximação da vertente criadora. Outras vezes manuseiam materiais tão inusitados por processos tão curiosos, que vale a pena pensar no desdobramento especulativo destes caminhos esboçados e geralmente mal aproveitados. Assim o Salão terá uma ala de "um quadro só", sobre cada qual cabe uma reflexão. Também os exemplos da arte kitsch, cujo aparecimento neste salão, por sua graça e riqueza inventiva, foram de grande surpresa, estão alinhados para uma introdução avaliativa desta tendência que entre nós merece exame e levantamento mais aprofundado.

A arte conceitual, a arte ambiental, o audiovisual, tiveram apenas alguns participantes, pouquíssimos para significar uma característica do Salão. Apesar destes raros exemplos, raros de se contar nos dedos, ficou com eles a excelência da participação em termos de qualidade. São rumos de uma arte intelectual, de exigência seletiva e conceitual, de exigência filosófica, que já exigem de quem exercita um certo preparo, uma visão global e vertical do fenômeno artístico/social. Por isto mesmo, estes poucos pesquisadores levaram a melhor num levantamento de qualidade e de voltagem de comunicação.

De uma visão geral do V Salão de Verão podemos dizer: a pintura está em crise, a gravura está em crise, a fotografia está sendo reavaliada em termos artísticos; o desenho está florescendo; a arte kitsch e o primitivismo estão resistindo; a vanguarda se concentrou quantitativamente, para render realmente qualitativamente. Apesar destas anotações se referirem a um Salão muito especial podem servir de termômetro bem razoável à realidade da arte brasileira contemporânea, tão necessitada de disciplina, de trabalho, de contenção e autocritica.

TELEVISÃO
Valério Andrade

**SUCESSO LÁ,
FRACASSO AQUI**

A televisão chegou tarde demais para servir de cenário para os filmes de John Ford. A diligência já atravessou o deserto e perdeu-se no horizonte levando os personagens fordianos. A época dos heróis já passou — apenas John Wayne continua vivo, de fuzil na mão, abatendo os bandidos e revivendo a lenda.

Por alguma estranha razão, o western não alcança na televisão o seu habitual padrão cinematográfico. É evidente que estamos falando das séries produzidas especialmente para a televisão. E, ao contrário de seu irmão gêmeo, o filme de gangster, o gênero número um costuma aparecer na TV diluído e infantilizado.

É claro que existem algumas explicações de ordem técnica. Uma delas refere-se a limitação do campo visual imposta pela linguagem da TV. No que diz respeito aos grandes planos, não resta dúvida de que esses são sacrificados na tela pequena. Mas, no fundo, por traz da explicação, observa-se que a restrição é mais do que técnica. É também — ou principalmente — artística e intelectual.

Na verdade os westerns da TV se acham mai sou menos naquele nível dos velhos filmes dos tempos da Republic. O estúdio da água foi devorado pela televisão, mas algo de seu método permaneceu funcionando, continua presente, longe do cinema.

Seja como for, para o mercado consumidor norte-americano a fórmula conti-

nua faturando bem. Aqui, não.

Depois do fracasso de *O Homem de Virginia*, relançada com grande carga promocional há pouco mais de dois anos, ficou mais ou menos evidenciada a atual insensibilidade de nosso mercado para os tele-westerns. Na América, *O Homem de Virginia* teve excelente audiência. O mesmo aconteceu com a atual série *Bonanza* que a TV Rio vem exibindo. Mas, no Brasil, ambas figuram lá em baixo na eleição dos telespectadores.

Apresentada em horário nobre (20h), dominical, a série *Bonanza* vem tendo uma atuação medíocre na bolsa do IBOPE. A sua manutenção neste horário explica, entre outras coisas, por que a TV Rio voltou a ocupar o terceiro lugar nas pesquisas do Grande Rio. Em lugar de conquistar audiência para o filme de longa-metragem, que, a rigor, é o único grande trunfo de sua programação, *Bonanza* empurra o telespectador para as emissoras concorrentes.

Aliás, em matéria de estratégia cinematográfica, o canal 13 vai fazendo o jogo dos adversários. Depois de ter conquistado uma audiência adicional, vem, por absoluta falta de orientação especializada, desperdiçando a sua preciosa herança hollywoodiana. E para o telespectador é péssimo, pois reduz ao mínimo as alternativas.

Mas, com *Bonanza* como complemento, é a melhor maneira de sacrificar a audiência do cartaz das 21 horas.

ARTES PLÁSTICAS
Walmir Ayala



O texto histórico foi transformado num conto de fadas cheio de magia visual

**HISTÓRIA EM
TEMPO DE MAGIA**

Não são raros os que se lançam a verdadeiros mares de loucura (como diz o boletim) para realizar façanhas insuperáveis. Susana Rodrigues, jornalista e escritora, praticamente sozinha, vem há muitos anos pesquisando e construindo um conjunto de cenas em movimento simultâneo, registrando os momentos históricos mais importantes, do nosso descobrimento à nossa independência.

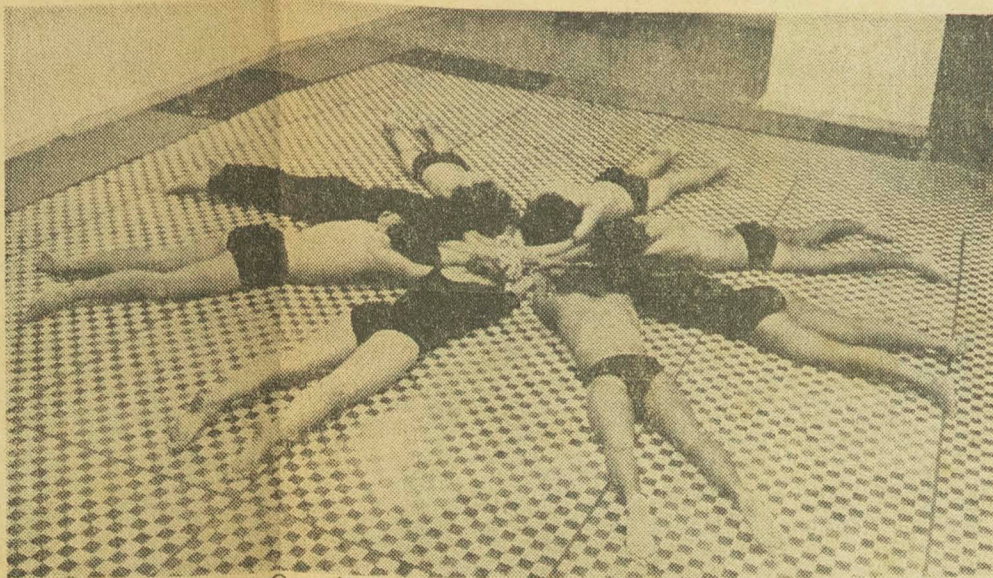
Susana transformou o texto histórico, geralmente árido, numa história de fadas. As rainhas terríveis, as princesas generosas, os confidentes e inconfidentes, os traidores e mártires, são vistos num esquema cenográfico de muita graça e valiosa carga informativa. Já chamou a atenção, em minha coluna dominical, para a importância de levar as crianças a ver este show, tão raro pela sua beleza e despojamento, nesta cidade eivada de mau teatro infantil, de pobre e inexpressiva programação infantil.

Mesmo para crianças ainda não no tempo de aprender História, por isso mesmo livres da garra didática, a magia visual deflagrada por este espetáculo servirá de introdução a rumos

novos de imaginação de inventividade. Aqueles que, já na idade escolar, estão aptos a um duplo aproveitamento, o da poesia e o da instrução, terão o melhor meio de gravar para sempre esta fábula de amor e morte que na essência resume a história universal da vida.

Há muita cor, o texto suficiente para manter o nível da realidade documental, há uma reconstituição minuciosa de detalhes, há sobretudo a asa do amor passando por atmosferas iluminadas de passado e reminiscência. O clima do tempo colonial assoma por inteiro — uma lição para tantos pintores brasileiros (ou não) que ficam reproduzindo casarões coloniais, pensando assim guardar ou ressuscitar o espírito de uma época, em vão.

Susana Rodrigues conseguiu o sortilégio porque se colocou com inocência diante de letras e datas a serem incorporadas. As crianças do Rio de Janeiro têm um programa quente nestes dias de verão: uma visita à exposição de Susana Rodrigues no Palácio da Cultura (Avenida Graça Aranha, sobreloja). Estou certo de que todos sairão de lá enriquecidos no coração.



O método busca o desenvolvimento da personalidade e a comunicação emocional

**A ARTE ASCÉTICA
DO TEATRO PSICOFÍSICO**

Quem entrar num sábado à tarde na Rua Ataulfo de Paiva, 527, terceiro andar, vai pensar que está numa Academia de Ioga. Engano — é o Laboratório de Teatro Psicofísico, inspirado nos métodos de Grotowski.

Como diz Grotowski, "teatro é o que ocorre entre ator e espectador." Seu método busca o desenvolvimento da personalidade e a comunicação emocional, num teatro que dispensa cenários, figurinos, maquiagem e texto-literatura, precisando apenas de elementos visuais, que estão no corpo, e acústicos, na voz do ator.

MOCIDADE

A supervisão é do professor Pedro Jorge, professor da Universidade de Comunicação Social e Dinâmica de Grupo, formado nos Estados Unidos e especializado em Sensitivity-Training.

Os alunos são todos jovens — esta é uma das condições impostas pelo professor — e precisam passar por testes rigorosos antes de serem admitidos. É preciso saber se eles estão em condições de abandonarem suas defesas, seus preconceitos, seu hábito de julgar.

Depois de selecionados, eles passam por diversos estágios:

1 — Pesquisa Corporal: redescoberta de todas as partes do corpo (cabeça, tronco e membros), seu ritmo, sua temperatura, sua função orgânica. São feitos exercícios de relaxamento, contração, ritmo e respiração, permitindo um grande controle dos estados emocionais.

2 — Comunicação Corporal: com a utilização dos impulsos contrastantes: enquanto uma parte do corpo chora, outra ama, outra se apiada, etc.

3 — Expressão Corporal — sem articulação de palavras. Há apenas murmúrios ou simples emissão de sons. Nesta fase os alunos devem passar a sentir a natureza com mais sensibilidade.

4 — Criação Individual e Coletiva: temas clássicos, tragédias gregas, mitologia oriental e ocidental, fábulas, folclore. Nessa fase o aluno começa a viver o papel, o personagem.

Atualmente, o Laboratório está trabalhando com as fábulas de La Fontaine, sábados à tarde. O público pode chegar, sentar e assistir. A primeira impressão é de um teatro "pobre", mas, quase sem perceber, o assistente se deixa envolver e compreende que o espetáculo é bem mais sutil do que parecia. Como diz Grotowski, "teatro é o que ocorre entre o ator e o espectador."

MÚSICA
Renzo Massarani

**A SINFÔNICA
UFRJ**

Florentino Dias cursou Clarinete, Composição e Regência na nossa Escola de Música, concluindo os estudos com a Pós-Graduação em Washington.

"Retornando ao Brasil!" — lembra o maestro Dias — "criei a Orquestra da Universidade Federal do Rio de Janeiro, formada de 55 estudantes de vários estabelecimentos de ensino da Guanabara e realizando uma média de sete concertos por ano. Atualmente, estou procurando obter do Ministro Jarbas Passarinho e de outras autoridades, a necessária estabilidade do conjunto. Com os Cr\$ 80 mil anuais da UFRJ, os jovens músicos recebem Cr\$ 240,00 mensais e a orquestra só trabalha cinco ou seis meses por ano. Apelei para entidades particulares, tais como clubes, escolas, fábricas, TV, rádios, para que patrocinem concertos em suas dependências, auxiliando a formação de profissionais idôneos e, ao mesmo tempo, dando a conhecer a música brasileira aos brasileiros. Quem quiser ajudar, procure-me no Fórum de Ciências e Cultura da UFRJ, na Avenida Pasteur, 250."

"Embora nesses primeiros quatro anos de atividades o funcionamento da Sinfônica tenha sido inevitavelmente precário, vários dos músicos que passaram pelas suas estantes hoje integram os quadros da OSB e da OSN; se a profissão fosse mais valorizada, os novos músicos aumentariam de número, os moços deixariam de lado o eterno plano substituindo-o por cordas, sopros, metais ou percussões, e passariam a integrar as grandes orquestras do país: útilmente para o Brasil e para seu futuro musical.

"O ideal seria que o Governo de Brasília apoiasse os Governos estaduais na criação de novas Sinfônicas, novos Corais e também novas Bandas, que voltem — como em todas as partes do mundo atual — aos seus velhos esquecidos coretos, ao ar livre, dando voz musical às praças e aos parques, aos jovens e aos velhos, ao povo carioca e aos turistas. Além disso, os músicos amadores, os coristas e os bandistas ofereceriam o viveiro natural para a valorização do Brasil sonoro do futuro."

Iazid Thame

**O HOMEM
EM RELAÇÃO
AO ESPAÇO**

PAULO SERRADO FILHO

A convite do Itamarati, Iazid Thame está mostrando 100 de seus trabalhos serigráficos numa exposição no Cairo, depois do recente sucesso conseguido na Galeria San Diego, de Bogotá, e no Museu La Tertulia, em Cali.

Carioca, 42 anos, filho de libaneses, Iazid Thame é um surrealista já com incursões no campo geométrico. Até os 30 anos pintava e desenhava, sem expor seus trabalhos. Com uma autocrítica muito acentuada, só em 1960 achou que estava em condições de mostrar suas obras e participou de uma coletiva no I Salão do IBEU.

Sua vida é uma busca incessante. Depois de uma primeira fase expressionista, resolveu parar porque a pintura apenas não o satisfazia, sentindo falta do desenho. Achava que podia mostrar muito mais de si, se conseguisse aliar as duas técnicas. E continuando com suas pesquisas, descobriu afinal na serigrafia a fórmula para sua linguagem. Assim, após um afastamento de quatro anos fez a primeira individual na Galeria Cantu, em 1968.

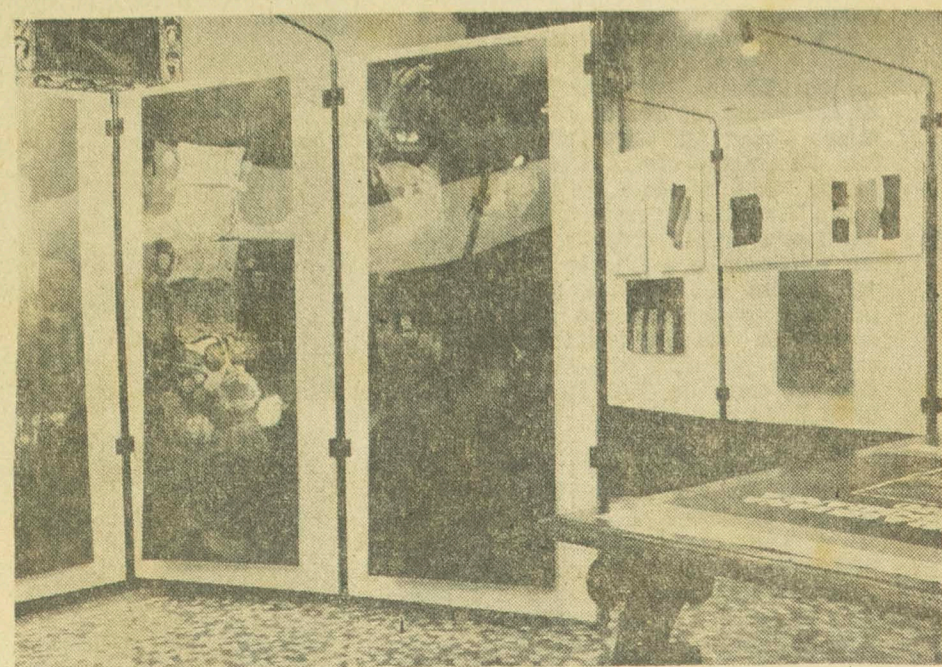
A infância de Iazid Thame foi muito pobre. Mas desde pequeno ele sonhava em ser artista e começou a pintar aos 13 anos. A necessidade de expressar suas idéias foi a grande motivação que o levou às artes plásticas. A paciência exigida pela serigrafia lhe veio do pai, artesão cultivador de casulos para fabricação de seda.

No período de pesquisas, para chegar ao expressionismo, sofreu forte influência de Rouault. Na fase surrealista, a temática é sempre o homem em relação ao espaço: tirou-o da Terra e colocou-o no espaço sideral, criando um novo homem dentro de uma concepção de futurologia plástica.

Suas cores são sempre ambientais, muito fortes. Nas formas, nunca apoiadas em bases estáticas, um extremo equilíbrio levitativo. Pode-se chamá-lo de um romântico meio satiro. Mas ele parte do princípio de que nada é impossível.



Incursões no campo geométrico



Museu La Tertulia, em Cali